

# SEGUIR NO RASTRO DE DERRIDA – O “ANIMAL” COMO INTRADUZÍVEL

Rafael Haddock-Lobo<sup>1</sup>

## RESUMO

O texto que aqui se publica é resultante de uma apresentação homônima no Colóquio “Derrida e os animais”, organizado pelo Grupo de Pesquisa sobre Ética e Direitos dos Animais do Diversitas - FFLCH/USP e pelo Grupo Práxis do Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa. Parto, então, de uma crítica ao verbete “animal”, traduzido por mim para a versão brasileira do *Dicionários dos intraduzíveis*, organizado no Brasil por Barbara Cassin, Fernando Santoro e Luísa Buarque. Nesse sentido, a questão do animal é criticada aqui de modo análogo à questão da tradução. Focado, sobretudo, em *O animal que logo sou*, o texto se encerra com alguns apontamentos no que concerne a um pensamento dos “animais” sob a ótica da desconstrução da colonialidade e da filosofia popular brasileira.

## PALAVRAS-CHAVE

Derrida; Animais; Intraduzíveis; Desconstrução da colonialidade; Filosofia popular brasileira.

## ABSTRACT

The text published here is the result of a homonymous presentation in the Colloquium “Derrida and animals”, organized by the Diversitas Research Group on Ethics and Animal Rights - FFLCH/ USP and by the Praxis Group of the Center for Philosophy of the University of Lisbon. Starting, then, from a critique of the “animal” entry, translated by me to the Brazilian version of the Dictionaries of the untranslatable, organized in Brazil by Barbara Cassin, Fernando Santoro and Luísa Buarque. In this sense, the question of the animal is criticized here in a manner analogous to the question of translation. Focused, especially, in *The animal that therefore I am*, the text ends with some notes regarding a thought of “animals” from the perspective of deconstruction of coloniality and popular Brazilian philosophy.

## KEYWORDS

Derrida; Animals; Untranslatable; Deconstruction of coloniality; Brazilian popular philosophy.

---

1 Professor do Departamento de Filosofia da UFRJ e dos Programas de Pós-graduação em Filosofia da UFRJ e da UERJ e do Programa de Pós-graduação em Bioética, Ética Aplicada e Saúde Coletiva (FIOCRUZ/UERJ/UFF/UFRJ). Atualmente desenvolvo Pesquisa de Pós-Doutorado no Programa de Pós-graduação em Filosofia da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), sob a supervisão do Prof. Dr. Marcelo de Mello Rangel, a quem agradeço imensamente a interlocução. Endereço eletrônico: [rafael@ifcs.ufrj.br](mailto:rafael@ifcs.ufrj.br)

Antes de qualquer agradecimento, qualquer homenagem, qualquer dedicatória, gostaria de pedir perdão.

Sim, pedir perdão aos chimpanzés. É graças à inoculação de seu adenovírus que fui vacinado com a Astrazêneca. Peço perdão e agradeço, num mesmo gesto em que celebro minha sobrevivência, carregando não só a “culpa do sobrevivente”, diria Lévinas, ou pedindo aos deuses e deusas que o chimpanzé viva em mim. Que eu esteja à sua altura, herdeiro no sacrifício.

Início, agora, minha fala, dedicando esse texto à Rita Paixão, querida amiga e quem talvez devesse estar aqui, em meu lugar, devido sua competência com relação à questão dos animais e no pensamento de Jacques Derrida: esse texto, Rita, é uma resposta a você, é uma pisada mansa também sobre seus passos. Início também agradecendo não apenas formalmente, mas de coração, como nos ensinou Derrida, à Luanda Francine e ao Grupo de Pesquisa sobre Ética e Direitos dos Animais do Diversitas - FFLCH/USP, a Dirk Hennrich e ao Grupo Práxis do Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, pelo carinhoso convite e pela honra de compor essa mesa. Nesse sentido, estendo meus agradecimentos ao professor Patrick Llored, uma referência nos estudos sobre desconstrução e animalidade, e à professora Fernanda Bernardo, uma das pessoas mais importantes em minha formação, em minha vida filosófica, uma pessoa com quem, para além de uma gigante admiração e carinho, tenho uma infinita dívida, de coração, que sempre preciso lembrar. A vocês, e a todos presentes, meu obrigado.

Minha fala, aqui e agora, escrita com a cabeça ao chão em sinal de respeito aos professores que me antecederam, não apenas na fala de hoje, mas no conhecimento do tema, se contentará em apenas reunir algumas breves observações a partir de um recente convite que recebi: traduzir, para o segundo volume do *Dicionários dos intraduzíveis*, organizado no Brasil por Barbara Cassin, Fernando Santoro e Luísa Buarque, o verbete “animal”.

São, portanto, inquietações, espantos, temores e tremores que aparecem ao longo da tradução, quando constatei a ausência de referências a Derrida, e da escrita de um pequeno texto que pude inserir no dicionário, em forma de “comentário crítico”. Falo, portanto, *dessa ausência* no verbete “animal” (sem aspas), em um dicionário que, só por seu nome, deveria carregar *a aporia da intradução* tal como proposta por Derrida. Ao contrário, no texto original, de autoria de Natalie Depraz, não se faz sequer uma menção a esse autor que, na História da Filosofia, foi o mais sensível, inteligente e justo para se pensar “o animal” (no meu texto, quando aparecer no singular, sempre entre aspas).

Minha hipótese, talvez a única que sobrevive a meu desejo de descartar a ignorância ou a má-fé da autora, é a de que o pensamento de Derrida põe em xeque o próprio verbete “animal”, tal como aparece no dicionário. Trato, portanto, dessa ausência de Derrida, da ausência das aspas e, por fim e impressionantemente, da ausência do próprio problema da *intraduzibilidade*. E isso, sempre, nos rastros de Derrida, a quem, de coração, sempre sigo. Seguindo, então, começo com a citação de um ponto de caboclo, uma cantiga da umbanda carioca, cruzo do catolicismo popular português com as espiritualidades ameríndias e africanas, que é cantada para invocar os espíritos encantados dos indígenas brasileiros. Ela diz o seguinte: “*como é bonita a pisada do caboclo, pisa na areia, no rastro dos outros*”. A beleza de herdar, de seguir os rastros, de pisar por sobre a pisada dos outros, de seguir antes de ser, seguir ante o ser, é isso que esse Derrida-caboclo, esse judeu-indígena (como os franceses se referiam) me ensina e me deixa a seguir.

Sigo, portanto não apenas o rastro de Derrida, o que significa o rastro, ou melhor, o que o rastro rasura na lógica da significação; isso também, é claro, mas, seguindo o rastro de Derrida, o rastro para Derrida, sigo em seu rastro. No rastro de suas pisadas, seguindo seu *cogito da pisada*, tal como ele nos traz em *O animal que logo sou*, mostrando que, ao contrário da pisada forte, colonizadora, bandeirante do homem-branco-ocidental-cisheterossexual-carnívoro, a pisada *justa* é aquela que vem *de mansinho*, que pisa no chão *devagarinho*, como nos ensina também Dona Ivone Lara, quando canta: “Eu vim de lá, eu vim de lá pequenininho / Mas eu vim de lá pequenininho / Alguém me avisou pra pisar nesse chão devagarinho / Alguém me avisou pra pisar nesse chão devagarinho”.

E quem me avisa pra pisar no chão devagarinho é Derrida, é ele quem me ensina essa ética dos pés. Contudo, preciso sublinhar aqui, que esse *mansinho* que ele ensina não é o de quem chega de escamote, de sorrateiro, mas o mansinho que se *demora*, devagarinho, porque sabe que *estamos-atrás*, que *somos-depois* e que, portanto, nosso *estar-diante* nesse *estar-perto* deles, dos animais, exige outra resposta nesse ser-estar-seguir.

Tudo que escrevo, desde que conheci o pensamento de Jacques Derrida, escrito em um guardanapo na mesa de um bar em 1999 (sim, terminava minha graduação em filosofia e nenhum professor sequer havia mencionado seu nome), tudo que penso e amo segue seu rastro. E foi nesse rastro que aceitei o convite para traduzir o verbete “animal” da versão brasileira do *Dicionário dos intraduzíveis*, sabendo que poderia, ao final, escrever um breve comentário crítico.

A princípio, minha ideia seria escrever o comentário que se seguiria ao texto fazendo-se notar como os animais são compreendidos em outras cosmologias, como a ameríndia e a afro-brasileira, supondo que, por se tratar de um verbete escrito por uma filósofa eu-

ropeia, certamente o nome de Derrida estaria no verbete original. Isso porque, para mim, não há como um filósofo que se pretenda sério, rigoroso ou ao menos justo com a questão dos animais não sublinhar a importância da desconstrução para essa questão. Repito: *não é sério, rigoroso nem justo fazer isso*. E justo não apenas com o pensamento, mas não é justo *com os animais*.

Assim, meu comentário, além de tentar trazer, no pequeno número de caracteres que me cabiam, a questão (também entre aspas) “brasileira”, pretendia chamar a atenção a algumas injustiças do verbete original. E a isso dedico aqui algumas considerações posteriores.

O verbete “animal” do *Dicionário dos intraduzíveis*, e creio que seja necessário incessantemente repetir o título da obra, começa com as indicações do termo utilizado para designar “animal” em grego, latim e alemão. E são esses três conjuntos de palavras que guiarão o verbete original: com um primeiro tópico dedicado à filosofia grega, em seguida, um tópico dedicado ao animal na era cristã (e me perguntaria aqui se ainda saímos dela), e um último dedicado à questão da besta e do animal.

E foi nesse último aspecto, sobretudo porque no primeiro tópico a autora havia dedicado ao menos um parágrafo à questão política, que me saltou aos olhos a ausência de referências a Derrida, pois, para além dos textos mais referenciados normalmente quando falamos da desconstrução da relação ‘humano x animal’ como *O animal que logo sou* ou o capítulo dedicado à questão em *De que amanhã...*, os seminários *A besta e o soberano* configuraram uma das mais importantes reflexões sobre o político na contemporaneidade.

Foi exatamente nesse ponto que, preferindo descartar a ignorância e a má-fé (duas qualidades que um filósofo não pode apresentar quando pretende escrever um verbete de dicionário), e somando-se a esse assombro, visualizar alguns nomes que apareciam nas indicações bibliográficas (que se estendia de Agostinho a Agamben, passando por Husserl, Heidegger, Elizabeth de Fontenay e a própria autora do verbete), algumas reflexões, que elenco agora, pareceram fazer algum sentido.

Talvez, sempre o talvez, como Derrida não se cansa de nos lembrar, em um primeiro momento poderíamos pensar aqui que a desconstrução do verbete “animal”, sem aspas e no singular, possa ser pensada como a própria desconstrução, a desconstrução de qualquer signo que não se assuma *rastro*, ou no rastro de, que não se assuma como apenas um local de remetimentos a outros remetimentos que se entre-remetem, num jogo sem fim e no qual o sentido vem sempre depois. Mas, sendo assim, que verbete seria esse que poderia ser justo com os animais, que dicionário seria esse que, de tal modo intraduzível, poderia abrigar os rastros, a *différance* e as escrituras animais?

Os animais, que carregam em seus rostos a marca de uma alteridade ainda mais radical – e daí o cuidadoso puxão de orelha de Derrida em Lévinas –, o chamado ético de seus olhos, que abismam ainda mais aquele infinito que separa os homens entre si, essa multiplicidade, esse feixe de diferenças que marcam cada ente não humano, em sua singularidade, talvez sejam a hipérbole da própria necessidade de desconstrução em nome de, como nos lembra Fernanda Bernardo, uma hiper-ética e uma hiper-política. Mas, nesse sentido, como um dicionário poderia dar conta da questão animal?

Talvez, em primeiro lugar, e sobretudo, não querendo “dar conta”, não acreditando que é possível abrigar em um conceito, em uma palavra existente apenas, essa pluralidade, esses abismos. Mas, nesse sentido, como uma assinatura derridiana poderia nos ajudar a pensar em um dicionário que fosse radicalmente intraduzível?

Quem nos dá os passos, sempre e antes de nós, diante e perto de nós, é o próprio Derrida:

*O animal que logo sou* marca a necessidade do uso das aspas, quando formos nos referir ao violento termo “animal”. O uso sistemático das aspas é algo que, bem antes da conferência de 1997, Derrida nos chama a atenção de modo pontual pelo menos desde 1972, em *Esporas*. Isso sem levar em consideração as escritas sob rasura, riscadas ou borradas, dos textos da década de 60. Esses termos sob rasura, esses rastros de palavra que pretendem, segundo a famosa frase de *A voz e o fenômeno*, mostrar que “a coisa mesma sempre escapa”, parecem encontrar no uso das aspas por Nietzsche ao falar da verdade, uma excelente solução gramatológica para marcar a inadequação, a indecidibilidade e, portanto também, a intraduzibilidade de qualquer conceito que pretenda presentificar o sentido daquilo que promete representar.

Derrida explica: “Esse distanciamento da verdade, que se retira de si própria, que se suspende entre aspas (...), tudo isso que vai obrigar, na escrita de Nietzsche, a colocação da “verdade” entre aspas – e, como consequência rigorosa, de todo o resto” (DERRIDA, 2013, pp. 37-38) isso que lá, para marcar a distância e a *sképsis* da mulher, ele chama de “operação” feminina, aqui, nós poderíamos chamar, por *identificação* (termo que o próprio Derrida utiliza em *Monolinguismo do outro*, que parece operar como certa identificação na diferença, ou nas singularidades), de “operação” dos animais (operação também entre aspas).

Contudo, independente da pertinência do uso desse termo “operação” para o nosso caso (e Paul Preciado parece fazer um justo do termo “operação” quando no *Manifesto contrassexual* relaciona as aspas de Nietzsche às tesouras de Derrida), me parece interessante pensar aqui que a estratégia nietzschiana, que Derrida abraça, nos ajudaria a pensar certo

movimento de “passo atrás”, de anarriê de festa junina ou de *en arrière*, diriam os franceses, como que para respeitar a distância e a anterioridade desses outros outros que são os animais. Uma certa suspeição ou suspensão que nos obriga, com relação a esses entes não humanos, ter um cuidado ainda maior ao pretendermos nos referir a eles.

Ao contrário de uma brincadeira sem graça e equivocada que ouvi de um colega certa vez, se as aspas em torno dos animais não seriam ainda mais uma jaula, pelo contrário, estou certo de que as aspas, com sua suspensão e suspeição com relação ao uso do termo “animal”, representariam, ao contrário do que pensa o filósofo dogmático ou pai de pet inexperiente, a suspensão das gaiolas conceituais, que justificam e promovem as gaiolas físicas.

As aspas significam o “deixar ir”, respeitam a distância necessária, e mostram que, seja conceitualmente ou corporalmente, não queremos pegá-los, aprisioná-los, prendê-los, compreendê-los, entendê-los. Deixamo-los, à beira da estrada, como o ouriço embolado em si mesmo de *Che cos'è la poesia?* E, caso queiramos, deles, nos aproximar, que seja de modo desarmado, sem o aparato conceitual enjaulador, e que seja de modo poético. Afinal, parafraseando o nosso filósofo, talvez o único gesto de hospitalidade possível com relação aos animais, esse acolhimento incondicional em sua absoluta alteridade, só seja possível *poeticamente*.

Contudo, essa *sképsis*, que pra mim, da geração x, é o bicho (e para quem não está familiarizado, por distâncias geográficas ou temporais, a gíria “é o bicho” quer dizer que algo é genial!), apenas antecipa – e nunca precipita – um movimento ainda mais ousado no “bestiário pessoal” de Derrida: quando a palavra “animal” (que palavra, segundo ele), num passo homofônico (em francês) ganha a um só tempo sua multiplicidade na sua singularidade – na vinda do *animot*.

Na vinda que é vida, que comporta a vida nessa chegada, como sempre me lembra Luciana Pimenta, e que pretende “acolher e liberar” tantos *animots*, animais-palavra, palavra-animais, essa espécie de *différance* animada pelos animais que Derrida nos faz chegar e viver. Quando Derrida nos apresenta essa “teoria de *animots*” que ele segue e que os seguem por toda a parte, ele nos apresenta alguns passos desse mesmo movimento: em primeiro lugar, chama atenção para nossos ouvidos para que escutemos o plural de animais nessa palavra singular, pois “não há o animal no singular genérico, separado do homem por um só limite indivisível”.

Além disso, um segundo passo é a entrada em cena do sufixo “mot”, uma espécie de retorno à palavra, da *palavra como espectro*, diria eu, em uma tradição que sempre compreendeu os animais sob a face da mudez sendo a própria palavra o limite artificial que, deles,

nos separaria.

Mas, em seguida, no terceiro passo, Derrida observa, que “não se trataria de restituir a palavra aos animais, mas talvez de aceder um pensamento, mesmo que seja *quimérico ou fabuloso*, que pense de outra maneira a ausência do nome ou da palavra, e de outra maneira que uma provação”.

Esse *pensamento encantado*, como eu tenderia a chamar hoje, que promove, como diz Derrida, “todo tipo de cruzamento” (DERRIDA, 2002, p. 88) entre as palavras “eu” e “animal” (os dois entre aspas, essa espécie de *Ecce animot*, que “nem uma espécie, nem um gênero, nem um indivíduo, é uma irreduzível multiplicidade de viventes mortais” (DERRIDA 2002, p. 77), é, parafraseando ainda Derrida, “o anúncio cujo rastro como que sigo, enquanto animal autobiográfico” (DERRIDA, 2002, p. 87) e, em cujos passos encontro tantas outras experiências quiméricas que, em meu comentário crítico ao verbete, me permitiu pensar, como os orixás masculinos e femininos se transformam em animais sagrados, os animais sagrados que são, eles próprios divindades, e mesmo a presença de traços animais na personalidade e na constituição física dos humanos. Ou entender como nas cosmogonias xamânicas ameríndias ao mesmo tempo em que se ultrapassam as fronteiras, e cada um à sua maneira e de acordo com sua singularidade, tudo é “gente”. Ou ainda, nos cultos dos encantados do nordeste brasileiro, Dom Sebastião aparece como o touro encantado nas praias dos lençóis maranhenses ou Cabocla Mariana, que é princesa turca, se encanta como a ararinha.

Concluo, nos passos de Derrida, seguindo seu rastro, sonhando com o dia em que os animais possam ser pensados de modo justo, a povoar um verbete de um dicionário que seja de fato *dos intraduzíveis*. Talvez, não mais um dicionário, mas um bestiário, diria Derrida, ecoando Kafka, Nietzsche, Borges, Cortázar, mas também Mãe Beata de Iemanjá, Davi Kopenawa, Nei Lopes e Luiz Antonio Simas, um bestiário pessoal um tanto paradisíaco, quimérico, fabuloso e encantado. E o passo já foi dado. Basta querer seguir, basta herdar, basta querer seguir-mais-que-ser ou ser-seguindo, basta *ecce animot*.

### Bibliografia

- DERRIDA, Jacques. **Esporas: os estilos de Nietzsche**. Tradução de Rafael Haddock-Lobo e Carla Rodrigues. Rio de Janeiro: NAU, 2013.
- DERRIDA, Jacques. **O animal que logo sou**. Tradução de Fábio Landa. São Paulo: UNESP, 2002.